

PENSAR A LITERATURA COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA

Neste relato, busquei sintetizar algumas experiências no âmbito das turmas de graduação da UERJ, entre 2012 – quando ingressei na universidade como Professor Adjunto – até 2014, ano em que fui contemplado com o Prêmio Docência Dedicada ao Ensino Anísio Teixeira, enfatizando aspectos da prática docente que possivelmente contribuíram para o referido feito.

Palavras-chave:
ensino de literatura;
crítica literária;
prática pedagógica.

Henrique Marques Samyn¹

Certa vez, quando ministrava uma aula de graduação e um aluno me chamou de “traidor”, percebi que estava no caminho certo.

Tratava-se de uma aula de Literatura Portuguesa; mais especificamente, comentávamos uma poesia de Camões quando, em meio à troca de observações sobre os textos literários, emergiu uma questão que ainda causa muita polêmica: o assédio sexual. Como sempre procuro fazer, busquei dar voz, sobretudo, às alunas: pedi que, caso se sentissem à vontade, compartilhassem suas

experiências com “cantadas” e coisas do tipo; mais de uma se manifestou, o que normalmente ocorre. Quando um aluno – o gênero importa – reagiu, defendendo o que ele mesmo denominou “direito masculino à cantada”, eu imediatamente retruquei, resgatando as falas das alunas ali presentes para abordar os liames entre a cantada e o assédio sexual. Foi nesse momento que o aluno me chamou de “traidor”: eu havia, é claro, traído a “classe masculina”, como ele mesmo fez questão de afirmar.

Embora esse episódio possa parecer insignificante para muitos, para mim foi algo extremamente importante. Desde o semestre anterior, quando começara a atuar na UERJ como Professor Adjunto, eu já me preocupava em utilizar as aulas de literatura

¹ Professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – marquessamyn@gmail.com

para provocar reflexões sobre as estruturas de poder que permeiam a sociedade – não apenas no que tange à opressão de gênero, mas também no que diz respeito à raça, classe, orientação sexual, condição física e outros elementos envolvidos em mecanismos que perpetuam relações opressoras. Fazê-lo não foi algo difícil, uma vez que percebo as produções literárias como criações culturais historicamente determinadas e, portanto, necessariamente impregnadas de valores políticos; sendo essa uma visão subjacente às minhas pesquisas, não haveria como não influenciar meu exercício docente. Por outro lado, considerando-se o perfil das alunas e dos alunos da instituição, a abordagem de questões desse tipo acaba gerando um diálogo valioso e bastante produtivo.

Um importante material disponibilizado pela UERJ é o Censo dos Alunos de Graduação, que traça o perfil socioeconômico do corpo discente da universidade. Uma consulta à edição mais recente do relatório² permite constatar alguns dados relevantes: a UERJ tem mais alunas que alunos – algo que não mudou desde a primeira edição do Censo, em 1997; quase metade do corpo discente é constituído por alunas e alunos que se declaram não-brancos, havendo uma acentuada ascensão de declarantes negras e negros; mais de 60% do corpo discente possui renda familiar de até R\$ 3.000, sendo que 20,2% possui renda de até R\$ 1.000. Ou seja: mais da metade do corpo discente da UERJ é composto por mulheres que se autodeclaram pardas, negras, indígenas ou amarelas e que pertencem às classes E, D ou estratos mais baixos da classe C³; uma parte considerável do corpo discente

2 Trata-se do VII Censo dos Alunos de Graduação da UERJ, publicado em 2011. A oitava edição do Censo foi realizada em setembro de 2014, mas no momento de conclusão deste relato os resultados ainda não haviam sido divulgados pelo Departamento de Orientação e Supervisão Pedagógica da Sub-Reitoria de Graduação (DEP/SR-1).

3 Utilizo como parâmetro a tabela de classes econômicas constante do volume *A Classe Média Brasileira*, elaborado pela Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, que estabelece os seguintes limites: Classe E: entre 0 e R\$ 1.254; classe D: entre R\$ 1.255 e R\$ 2.004; classe C: entre R\$ 2.005 e R\$ 8.640. (*Assuntos estratégicos*, 2014, p. 21).

da UERJ, em outras palavras, é constituída por pessoas provenientes de grupos sociais que são alvo de estruturas opressoras historicamente consolidadas.

Se meu olhar analítico busca reconhecer na literatura a presença de valores políticos e mecanismos de opressão, nada me impede de estabelecer relações entre elementos perceptíveis no texto literário e as vivências concretas de estudantes que reconhecem experiências similares em seu cotidiano. Ainda que, em diversas ocasiões, seja necessário intervir para evitar anacronismos e generalizações im procedentes, não penso que isso constitua qualquer forma de empecilho; na verdade, trata-se de uma forma produtiva de abordar a historicidade de práticas e costumes, o que fornece ainda mais elementos para a análise do texto. Não obstante, sobretudo se evocamos as estruturas de longa duração, a articulação entre o passado e o presente torna-se viável e profícua. Desse modo, buscando ilustrar o que quero dizer sem ultrapassar o âmbito específico da Literatura Portuguesa, torna-se possível colher elementos que permitam debater, a partir de Camões, o assédio sexual; a partir de Almeida Garrett, o racismo; a partir de Eça de Queirós, a opressão de classe; a partir de Fernando Pessoa, a misoginia, e assim por diante.

Nada disso, importa ressaltar, implica destituir o texto literário de suas qualidades estéticas, tampouco desconsiderar a importância desses e de outros autores para a história da literatura. O tratamento das particularidades formais do texto, não excluindo tópicos muitas vezes negligenciados como métrica e ritmo, é indiscutivelmente importante, assim como as relações entre os autores e tendências estéticas coevas. Trata-se, com efeito, de propiciar uma abordagem que inscreva a produção literária em seu contexto – o que pode ser facilitado quando se evidencia de que modo autoras e autores expressam valores e crenças vigentes em sua época, propiciando análises que se afastem da concepção do indivíduo como *homo clausus*, para citar o conceito cunhado por Norbert Elias. Retirar certos autores dos pedestais que lhes foram erigidos por perspectivas críticas tradicionais é, muitas vezes, um bom caminho para ensejar análises inovadoras e fecundas, sem que para

isso seja necessário recorrer a expedientes iconoclasticos. Na verdade, parece-me que esse tipo de abordagem tem o efeito oposto: a “humanização” de autores e autoras frequentemente enseja em alunas e alunos uma atitude diante da literatura que, ao somar à análise crítica uma percepção empática, afasta-se das reações dicotômicas muitas vezes suscitadas pela imposta “veneração” a determinados nomes da tradição canônica.

Ao fim, todo esse esforço nada mais é do que uma tentativa de conferir um sentido concreto tanto à produção literária quanto ao conjunto de experiências que tem lugar na sala de aula. É quando alunas e alunos têm condições de estabelecer um vínculo entre suas próprias vidas e a literatura, desenvolvendo a partir dessa relação instrumentos que lhes permitam analisar criticamente a realidade em que vivem, que o texto literário – mesmo que ele tenha sido produzido há vários séculos – revela toda a sua riqueza; é quando a sala de aula se transforma em um espaço propício à reflexão sobre práticas culturais e estruturas de poder que o aprendizado pode efetivamente realizar-se em uma via de mão dupla, ampliando os horizontes de conhecimento para quem dele participa, seja como docente, seja como discente.

Por fim, a consciência de que no (supostamente neutro) espaço acadêmico incidem, de múltiplas formas, os dispositivos de poder que operam na sociedade como um todo é fundamental para que se reconheçam as particularidades de cada pessoa que participa da troca de conhecimentos que ali tem lugar. Procurar conhecer a trajetória de cada discente é um caminho para a compreensão de suas dificuldades específicas e para a eventual descoberta de pontos de interesse que podem proporcionar um melhor aproveitamento da experiência em sala de aula. Como objeto estético, o texto literário sempre enseja, para cada um que sobre ele se debruce, uma interpretação singular; quando essa singularidade tem o poder de desvelar um novo sentido existencial, a produção literária alcança seu mais elevado objetivo.

Referências

Assuntos Estratégicos. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. n. 1, nov. 2014. Brasília: Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, 2014.

VII Censo dos Alunos de Graduação da UERJ – relatório 2011. Rio de Janeiro: Departamento de Orientação e Supervisão Pedagógica da Sub-Reitoria de Graduação (DEP/SR-1), 2011.